

# Radicalização marca volta no Congresso

**Andrei Meireles**

O Governo ganhou a queda de braço com seus aliados, implodindo o Bloco Independente, mas enfrentará esta semana, com o reinício dos trabalhos legislativos, um clima de radicalização sem precedentes nos últimos tempos na Câmara dos Deputados. "Agora, todo cuidado é pouco", recomenda o líder do Governo, deputado Humberto Souto. O ministro Ricardo Fiúza, articulador político do Executivo na Câmara, está envolvido em três acirradas disputas por lideranças partidárias, que serão decididas na quarta-feira, quando se reúnem as bancadas do PMDB, do PDS e do PTB. O ministro Jarbas Passarinho quer recompor o relacionamento com os aliados e os convidou para integrar o bloco governista. Uma idéia em exame no Executivo neste fim-de-semana é de tentar evitar a disputa no PDS e no PTB ou pelo menos de descharacterizar a participação do Governo nelas.

Os candidatos José Lourenço, PDS, e Nelson Marquezelli, PTB, cujas campanhas ganharam impulso com a ajuda do Governo, não parecem dispostos a recuar nas batalhas para derrubar os atuais líderes Victor Faccioni e Gastone Riggi. O ministro Ricardo Fiúza se desgastou no processo, enquanto Jarbas Passarinho saiu dele fortalecido na coordenação política e como o principal interlocutor dos aliados do Governo na Câmara.

No PMDB, as notícias do apoio do Governo, especialmente de Fiúza, à candidatura do líder Genebaldo Correia radicalizaram uma campanha até então tranquila. Um panfleto apócrifo denunciando a vinculação de Genebaldo com o Governo irritou seus partidários, que prometem cobrar de seu adver-

sário, Odacir Klein, uma explicação convincente sobre as acusações. Klein diz que não tem nada a ver com isto, mas se considera o único candidato capaz de na Liderança imprimir uma nítida linha de oposição ao Governo.

## Insatisfação

A coordenação da campanha de Genebaldo já canta vitória, assegurando que seu candidato conta com o apoio dos seis governadores do PMDB e quase dois terços da bancada na Câmara. Klein contesta, afirmando que a maioria dos governadores não está se envolvendo na disputa e que pelo menos um deles está trabalhando por sua candidatura nos bastidores.

O receio do ministro Passarinho é de que a queda de braço dos últimos dias deixe seqüelas prejudiciais aos planos do Governo no Congresso Nacional. Nos quatro partidos do Bloquinho — PDS, PDC, PL e PTB — é grande a insatisfação com Fiúza e o temor no Planalto é de que isto se expresse em novas derrotas do Governo no Parlamento. A avaliação em setores do Governo é de que superado o clima de confronto com seus aliados, o Executivo terá de prosseguir na reforma ministerial para recompor o relacionamento com seus antigos parceiros.

A radicalização, na avaliação de integrantes do Governo, deixará seqüelas, mesmo que o Executivo aja com competência nos próximos dias. É que nas próprias bancadas dos partidos que compunham o Bloquinho, o confronto é considerado inevitável. No PTB, por exemplo, a opção a ser feita pelo Governo é com qual corrente partidária vai se aliar, pois as divergências entre elas se acirraram nos últimos dias.

Edson Gê



Genebaldo disputa sua reeleição na próxima quarta-feira